

BIBLIOTECAS, LIVRARIAS, ARQUIVOS:
circulações letradas nos séculos XVI- XVIII espaço lusófono
República(s) das Letras e Bibliotecas em Viagem

29-31 Outubro 2019

Auditório István Jancsó

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – USP – São Paulo



fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: *Vahan Agopyan*

Vice-Reitor: *Antonio Carlos Hernandes*



FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretora: *Maria Arminda do Nascimento Arruda*

Vice-Diretor: *Paulo Martins*

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Chefe: *Manoel Mourivaldo Santiago Almeida*

Comissão científica / Commission scientifique

Adma Muhana (DLCV-USP)

António Camões Gouveia (CHAM-Universidade Nova de Lisboa)

Carlos Zeron (DH-USP)

Ilda Mendes dos Santos (CREPAL, Université Sorbonne Nouvelle Paris 3)

Iris Kantor (DH-USP)

Isabel Almeida (FL/C. Estudos Clássicos - Universidade de Lisboa)

Organização / Organisation

BBM, CELP/FFLCH/USP (Centro de Estudos das Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa), CREPAL (Université Sorbonne Nouvelle Paris 3), CEC (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), CHAM (Universidade Nova de Lisboa)

Com o apoio / avec l'appui

BBM (Biblioteca Brasileira Guida e José Mindlin), CNPQ, FAPESP, Chaire Solange Parvaux Instituto Camões I.P, Print-Capes, Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, Ministério de Ciencia, Innovación y Universidades - Proyecto HAR2017-84627-P, John Carter Brown

Comissão de Trabalho Académico / Comission de travail académique

Ana Paula Gomes do Nascimento, Maurício Massahiro Nishihata e Wagner José Maurício Costa (doutorandos em Literatura Portuguesa); Juliana Giosuelli Meirelles (pós-doutoranda em História Social).

Serviço de Editoração e Distribuição
editorafflch@usp.br

Coordenação Editorial e Arte de Capa
M^a. Helena G. Rodrigues – MTb n. 28.840

Diagramação
Selma Consoli – MTb n. 28.839

História do Projeto

O Encontro Internacional que se propõe inscreve-se em um projeto inicial idealizado no interior do Crepal – Centre de Recherches sur les Pays Lusophones (EA 3421 – Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3), vinculando-se a um de seus programas de pesquisas sobre as circulações humanas e textuais, a cultura intelectual e a material, os circuitos e as redes letradas.

A primeira jornada de estudos, ocorrida em novembro de 2016, teve lugar na Sorbonne Nouvelle, Paris, e focalizou as trocas letradas no espaço europeu e extra-europeu pelo viés das correspondências e dos itinerários visados pelos letrados. Intitulou-se *La République des Lettres au XVIIe siècle. Itinéraires lusophones – dialogues / connexions*. Aí se discutiu o conceito de uma « República » das letras, sobre a partilha e a politização dos saberes, a imbricação entre erudição e informação, o ato da escritura e a oralidade, a difusão manuscrito/impresso, a censura e seus « objetos », o papel e a natureza dos agentes intermediários etc. Colocou-se o problema dos trânsitos, tão intensos como complexos, intra e extra-Península ibérica, europeus (Norte-Sul), atlânticos e asiáticos; o da economia política das trocas letradas (mecenato, cooptação, censura) e ainda um debate em torno de estratégias individuais, alianças e controvérsias. Enfim, propôs-se o assunto de uma República das Letras no espaço lusófono como um conceito operatório e objeto de interrogação e de discussão para os pesquisadores, a fim de que fossem revistas as concepções de história literária, os tempos e os espaços da história das idéias e da escrita da história.

Aprofundando essa agenda, o encontro proposto para 2017 ocorreu em Lisboa, no mês de novembro, na Universidade de Lisboa, e concentrou-se no tema a *livraria* e a *bibliotheca* em suas formas, figurações e configurações, concretas e ideais. Fez-se um estado da arte sobre bibliotecas peninsulares na época moderna (especificamente no mundo lusófono) e sobre o tipo de diálogo que elas estabelecem com os espaços, as « outras » línguas e as diversas temporalidades. Discutiu-se sobre catálogos e bibliografias, bem como bibliotecas reais, eclesiásticas e de eruditos. Mostrou-se incontornável também a discussão acerca das práticas de leitura, as instâncias autorais e leitorais e os modos de aproximação do livro e dos manuscritos em suas dimensões materiais e intelectuais.

O Terceiro encontro teve lugar na Sorbonne Nouvelle em outubro de 2018, com a participação de docentes das instituições que já tinham marcado presença nos anteriores: Crepal; Citcem-Porto; Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos; Cham; Usp. Suas principais linhas de interrogação foram: o *topos* da biblioteca universal e a constituição das bibliotecas privadas, com estudos precisos

sobre os fundos, os colecionadores (abrangendo os laços entre livros e objetos, ou bibliotecas e gabinetes de curiosidades); o laço entre Parnasso – *bibliotecallivraria*; a dimensão nacional/internacional, listagens de autores, línguas, usos retóricos e políticos; a circulação dos saberes e novas formas epistemológicas: montagem dos fundos de arquivos, agentes coletores, cópias manuscritas.

Esse Quarto encontro segue os que o precederam, com a participação de docentes-pesquisadores da França, Portugal, Brasil, Espanha, Estados Unidos. Seu escopo inicial – *La République des Lettres au XVIIe siècle. Itinéraires lusophones – dialogues / connexions* – ampliou-se, sem se desviar, contudo, da temática central: “Bibliotecas, livrarias, arquivos: circulações letradas nos séculos XVI-XVIII – espaço lusófono”. Sediado na Biblioteca Brasileira, está organizado sob os seguintes eixos temáticos: do escrito ao livro; o papel do papel; os livros reunidos; bibliotecas lusitanas; a circulação dos livros portugueses; arquivo e memorialização no século XVIII.

Esperamos que enlace numa rede de diálogos e debates amigáveis os que escrevem, os que leem, as letras.

Historique du Projet

La rencontre Internationale qui se tient à São Paulo, dans la *Biblioteca Brasileira Guida et José Mindlin*, s'inscrit dans un projet du Crepal (EA 3421 – Université Sorbonne Nouvelle Paris), plus précisément dans un de ses programmes de recherches portant sur les circulations humaines et textuelles, la culture intellectuelle et matérielle, les circuits et réseaux lettrés.

Les premières journées d'études, en novembre 2016 à Paris à la Sorbonne Nouvelle, ont porté sur les échanges lettrés dans l'espace européen et extra-européen en mettant en exergue des figures d'auteurs, des réseaux de correspondances et des itinéraires d'intellectuels. Elles s'intitulaient "La République des Lettres au XVII^e siècle. Itinéraires lusophones – dialogues / connexions". L'expression "République" des lettres fut l'objet de discussions – une / des Républiques ? ; quel type de qualificatifs (lettres, lettres et arts, sacrée, doctes...) ; le partage et la politisation des savoirs, l'imbrication entre érudition et information, l'acte d'écriture et la performance, la diffusion manuscrite et imprimée, la censure et ses "objets", le rôle et la nature des agents intermédiaires furent également l'objet de débats. Les transits, aussi intenses que complexes, intra et extra-Péninsule ibérique, européens (nord/sud), atlantiques et asiatiques, l'économie politique des échanges lettrés (mécénat, cooptation, censure), les stratégies individuelles, des alliances et des controverses furent également au coeur des débats programmatiques. De là est née l'idée d'une (des) Républiques des lettres dans l'espace lusophone comme objet d'interrogation et de discussion pour les chercheurs afin de revisiter les conceptions de l'histoire littéraire, les temps et espaces de l'histoire des idées et de l'écriture de l'histoire.

Approfondissant cet agenda, une deuxième rencontre a eu lieu à Lisbonne, en novembre 2017, à la Faculdade de Letras. Elle a été centrée sur le thème de la *livraria* et de la bibliothèque dans ses formes, figurations et configurations, concrètes et idéales. L'état de l'art sur les bibliothèques lusophones à l'époque moderne, le dialogue établi avec les espaces, les langues et temporalités autres ont été l'objet de communications. On discuta ainsi catalogues et bibliographies, bibliothèques royales, d'érudits, de clercs. La discussion a conduit à des regards sur les pratiques de lecture, les instances auctoriales et lectorales, les modes d'aborder le livre et le manuscrit dans ses dimensions matérielles et intellectuelles.

Une troisième rencontre s'est tenue en octobre 2018, à Paris à la Sorbonne Nouvelle, avec la participation de chercheurs déjà partenaires : Crepal ; Citcem-Porto ; Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, le Cham, l'Usp. Le topos de la bibliothèque universelle et la constitution des bibliothèques privées a été l'objet d'études précises sur les fonds, les collectionneurs (avec extension au monde des

objets et aux cabinets de curiosités). Le lien entre Parnasse et bibliothèque a été revu, et des collègues se sont interrogés sur les miscellanées, les usages rhétoriques et politiques.

Cette quatrième rencontre, qui compte avec la participation de chercheurs français, portugais, brésiliens, espagnols et américains, élargit le spectre initial. La thématique centrale est toujours la Bibliothèque, étendue à l'archive, aux modes de constitution des collections, à l'écriture/facture à plusieurs mains d'un objet, à la construction de publics de rues, de casas, cercles et académies, non pas tant "verticaux" que transversaux.

Les principaux axes sont:

- de l'écriture au livre
- le rôle du papier
- les livres réunis
- les bibliothèques lusitanes
- la circulation des livres portugais
- l'archive et la mémorialisation au XVIIIe siècle.

Nous formons le vœu que cette rencontre unisse, dans des dialogues et débats amicaux, ici et à l'avenir, ceux qui écrivent et ceux qui lisent les lettres.

PROGRAMA

Dia 29/10

9h30: Abertura dos trabalhos

Mesa 1 – Do escrito ao livro

Mediação: Iris KANTOR

10h-11h: Fernando BOUZA: Conferência *Memoria escrita del poder moderno: Por una historia cultural de la política (escrita)*

11h15-11h45: Marcello MOREIRA: *Manuscritura, livros de mão dos pobres e cancioneiros de letrados na américa portuguesa*

11h45-12h15: Antonio Camões GOUVEIA: *Proibir, dirigir e permitir numa república de auctoritas e letras, cores e gestos. O Concílio de Trento em práticas de rua na Lisboa de 1588.*

12h15-12h30: Discussão

Almoço

Mesa 2 – O papel do papel

Mediação: Ilda Mendes dos SANTOS

14h30-15h00: Rodrigo Bentes MONTEIRO: *Texto, matéria e percurso. História do códice sobre a sublevação de Vila Rica em 1720*

15h00-15h30: Isabel ALMEIDA: *O Comentário a Os Lusíadas, por Manuel Pires de Almeida*

15h30-15h45h: Discussão

15h45-16h15: Coffee-break

16h15-17h15: Roger CHARTIER: Conferência: *Dom Quixote no Teatro do Bairro Alto (1733)*

Dia 30/10

Mesa 3 – Os livros reunidos

Mediação: Antonio Camões GOUVEIA

10h-11h: Diogo Ramada CURTO: Conferência

11h15-11h45: Iris KANTOR: *República das Letras Brasilicas?! As contradições do cosmopolitismo erudito em contexto colonial (1759)*

11h45-12h15: Federico PALOMO: *La memoria del mundo: clero, erudición y cultura escrita en el mundo ibérico (siglos XVI-XVIII)*

12h15-12h30: Discussão

Almoço

Mesa 4 – Bibliotecas lusitanas

Mediação: Isabel ALMEIDA

14h30-15h00: Horácio COSTA: *As viagens da Constante Florinda*

15h00-15h30: Ilda Mendes dos SANTOS: *Pôr a mão na massa - Livrarias, bibliografias, parnassos e « bibliotecas » : algumas chegadas a partir da obra de Dom Vicente Nogueira (Lisboa 1585-Roma 1654)*

15h30-15h45: Discussão

15h45-16h15: Coffee-break

16h15-17h15: Pierre-Antoine FABRE: Conferência: *Jéronimo Nadal au Portugal: repères pour une bibliothèque ambulante*

Dia 31/10

Mesa 5 – A circulação e o arquivamento dos livros

Mediação: Adma MUHANA

9h30-10h30: Neil SAFIER: Conferência *Os itinerários de um livro nordestino: seguindo os passos editoriais da Historia Naturalis Brasiliae (1648)*

10h30-11h00: Coffee-break

11h00-11h30: Maria do Socorro Fernandes de CARVALHO: *Livros de poesia na América portuguesa: acervo da Biblioteca Nacional do Brasil*

11h30-12h00: João TELES E CUNHA: *Clio à distância: José Freire Monterroio de Mascarenhas e a escrita das Epanáforas Índicas*

12h00-12h15: Discussão

Mesa 6 – A história literária nacional

Mediação: Carlos ZERON

12h30-13h30: João Adolfo HANSEN: Conferência *A história literária do Brasil*

13h30: Encerramento



Sumário

O Comentário a <i>Os Lusíadas</i> , por Manuel Pires de Almeida.....	15
Isabel Almeida	
Memoria escrita del poder moderno: Por una historia cultural de la política (escrita).....	17
Fernando Bouza	
Livros de poesia na América portuguesa: acervo da Biblioteca Nacional do Brasil	19
Maria do Socorro Fernandes de Carvalho	
Dom Quixote no Teatro do Bairro Alto (1733).....	21
Roger Chartier	
As Viagens da Constante Florinda.....	23
Horácio Costa	
Clio à distância: José Freire Monterroio de Mascarenhas e a escrita das <i>Epanáforas Índicas</i>	25
João Teles e Cunha	
Conferência.....	29
Diogo Ramada Curto	
Jérónimo Nadal au Portugal: Repères pour une bibliothèque ambulante.....	31
Pierre-Antoine Fabre	
Proibir, dirigir e permitir numa República de Auctoritas e letras, cores e gestos. O Concílio de Trento em práticas de rua na Lisboa de 1588.....	33
António Camões Gouveia	
A história literária no Brasil.....	37
João Adolfo Hansen	
República das Letras Brasílicas?!As contradições do cosmopolitismo erudito em contexto colonial (1759).....	39
Iris Kantor	
Texto, matéria e percurso.História do códice sobre a sublevação de Vila Rica em 1720.....	43
Rodrigo Bentes Monteiro	

Manuscritura, Livros de mão dos pobres e Cancioneiros de letrados na América Portuguesa.....	45
Marcello Moreira	
O catálogo como oficina: elaboração e usos de um inventário da livraria jesuíta de São Roque no século XVIII	47
Federico Palomo	
Os itinerários de um livro nordestino: seguindo os passos editoriais da <i>Historia Naturalis Brasiliae</i> (1648)	49
Neil Safie	
Pôr a mão na massa - Livrarias, bibliografias, parrassos e « bibliotecas »algumas achegas a partir da obra de Dom Vicente Nogueira (Lisboa 1585-Roma 1654), entre Monarquia Dual e Restauração.....	51
Ilda Mendes dos Santos	

Resumos / Résumés

*IV Encontro Internacional “Bibliotecas, livrarias, arquivos:
circulação letrada nos séculos XVI-XVIII – espaço lusófono”
República(s) das Letras e Bibliotecas em Viagem*



O Comentário a *Os Lusíadas*, por Manuel Pires de Almeida

ISABEL ALMEIDA

(FACULDADE DE LETRAS/U. LISBOA; CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UL)

O “papel dos papéis” – “ingenioso equívoco” – é um bom exemplo da agudeza que no tempo de Baltasar Gracián tanto se estimou. Usada como um título, a expressão servir-nos-á de fio condutor. O trabalho que propomos, centrado num caso e numa figura – o comentário d’*Os Lusíadas*, por Manuel Pires de Almeida (1595-1655) –, partirá da exploração de diversos materiais inéditos, para chegar a uma reflexão sobre o significado da *glosa* do poema camoniano no contexto da (ou de uma?) *respublica litterarum* na primeira metade do século XVII. Se, por um lado, é dos vínculos entre *escrita* e *contingência* que se irá tratar, bem como da relação entre *manuscrito* e *impresso*, por outro lado, desenhar-se-á uma ideia de biblioteca – um horizonte de conhecimento, nunca alheio a razões e a paixões.

Le commentaire des *Lusíadas* de Manuel Pires de Almeida

Le “papel do papel” - “rôle des rolets de papiers”... cet “ingénieux jeu de mot” est une excellente illustration de la pointe, si appréciée au temps de Baltasar Gracián. L’expression fera ici office de titre et servira de fil conducteur. Nous proposons un travail centré sur une figure et un cas particulier : le commentaire des *Lusíadas* par Manuel Pires de Almeida (1595-1655). L’exploration de différents matériaux inédits conduira à une réflexion sur la glose du poème camonien dans le contexte de la (ou d’une ?) *respublica litterarum* de la première moitié du dix-septième siècle. L’étude traitera des liens entre écriture et contingence, du rapport entre manuscrit et imprimé, mais elle permettra aussi de dessiner l’idée d’une bibliothèque – un horizon de connaissances, partagé à jamais entre raisons et passions.

ISABEL ALMEIDA é doutora em Literatura Portuguesa, professora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e membro do Centro de Estudos Clássicos. Além de suas pesquisas sobre os livros de cavalaria portugueses do século XVI (tema da sua tese de doutorado), seu trabalho compreende edições de poetas e comentadores, além de numerosos estudos sobre a poesia de Camões, a obra do Padre Antônio Vieira, o teatro de Gil Vicente e a circulação letrada (Pires de Almeida, entre outros). Entre suas últimas publicações em forma de livro estão: *Peregrinação 1614*, organização Isabel Almeida, Lisboa, CEC – Centro de Estudos Clássicos, 2017, 426 páginas e *Os Lusíadas de Luís de Camões. Comentados por D. Marcos de S. Lourenço*. Revisão, índice e nota introdutória de Isabel Almeida. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2014, XXV+767 páginas.

Memoria escrita del poder moderno: Por una historia cultural de la política (escrita)

FERNANDO BOUZA

(UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID)

La estrecha vinculación entre poder y cultura escrita a lo largo de la alta Edad Moderna ibérica es analizada desde una perspectiva plural que intenta evocar sus múltiples perfiles y variadas posibilidades de estudio. Para ello, se recurre a una concepción del poder que supera con mucho las formas de propaganda o publicística, tradicionalmente vinculadas a lo “estatal”, y se interroga sobre el uso de la escritura como forma de ejercicio de “poderes” diversos. Distintas formas materiales, *ad vivum* o mecánicas, manuscritas o impresas, pero también epigráficas, textiles..., parecen haber sido capaces de “declarar” signos de mutuo reconocimiento en espacios públicos o no. Por ejemplo, entre una supuesta expresión individual y una rendición de cuentas exigida, cómo explicar la composición de diarios de viaje o de instrucciones de heredero en la cultura aristocrática ibérica de los siglos XVI y XVII. El espectro de “casos” es amplio, desde letras escritas sobre el cuerpo de los que estarían dotados de alguna fuerza o poder naturales al férreo control de los espacios no ocupados por lo escrito en la correspondencia de la época, pasando por las cartas hológrafas a los impresos para la gestión de grandes señoríos nobiliarios, sin olvidar la normativa sobre cartas y memoriales y el negocio editorial de particulares en materias comunitarias.

Mémoire écrite du pouvoir moderne : pour une histoire culturelle de la politique (écrite)

Le lien étroit entre pouvoir et culture écrite au cours de la première modernité ibérique est analysé ici dans une perspective plurielle qui tente d'en évoquer les multiples facettes et de suggérer la variété des approches possibles. Pour ce faire, nous convoquons une conception du pouvoir qui va bien au-delà des formes de propagande ou de diffusion traditionnellement liées à ce qui relève de l'« état » et nous interrogeons les usages de l'écriture en tant que formes dans lesquelles divers « pouvoirs » sont à l'oeuvre. Nombre de formes matérielles, *ad vivum* ou mécaniques, manuscrites ou imprimées, mais aussi épigraphiques, textiles..., ont été – semble-t-il – capables de « déclarer » des signes de reconnaissance mutuelle dans des espaces, qu'ils soient ou non publics. Ainsi par exemple, à mi chemin entre la supposée réaction personnelle et le compte rendu de commande, comment expliquer la composition des journaux de voyage ou des instructions aux héritiers dans la culture

aristocratie ibérique des XVIe et XVIIe siècles ? L'éventail de « cas » est vaste, depuis les lettres écrites sur le corps de ceux qui seraient dotés d'une certaine puissance ou pouvoirs naturels au contrôle rigoureux des espaces non occupés par l'écrit dans la correspondance de l'époque, en passant par les lettres holographiques et les imprimés ayant trait à la gestion des grands domaines seigneuriaux, sans oublier les règles pour la rédaction de lettres et mémoires ou encore l'entreprise éditoriale de particuliers en matières communautaires.

FERNANDO BOUZA é professor catedrático na *Universidad Complutense de Madrid*. Seus interesses de investigação passam pela história cultural dos mundos ibéricos na alta Idade Moderna, com especial atenção aos Felipes de Portugal, as formas da cultura escrita no exercício do poder e a fabricação ou circulação de cânones de reconhecimento comunitário ou estamental. Entre as suas publicações, citam-se: *Del escribano a la biblioteca. La civilización escrita europea en la alta Edad Moderna (siglos XV-XVII)*, Madrid, Síntesis, 1992. Reedición corregida y aumentada, Akal, Madrid, 2018; *Felipe II y el Portugal dos povos. Imágenes de esperanza y revuelta*. Valladolid, Universidad de Valladolid-Cátedra Felipe II, 2010; *Hétérographies. Formes de l'écrit au Siècle d'Or espagnol*. Madrid, Casa de Velázquez, 2010; *El libro y el cetro. La biblioteca de Felipe IV en la Torre Alta del Alcázar de Madrid*. Salamanca, Instituto de Historia del Libro y de la Lectura, 2005; *Corre manuscrito*. Una historia cultural del Siglo de Oro. Madrid, Marcial Pons, 2001; *Portugal no tempo dos Filipes*. Política, cultura e representações. 1580-1668. Lisboa, Edições Cosmo, 2000.

ANOTAÇÕES

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Livros de poesia na América portuguesa: acervo da Biblioteca Nacional do Brasil

MARIA DO SOCORRO FERNANDES DE CARVALHO

(UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO)

Essa apresentação objetiva sintetizar os resultados de uma pesquisa realizada na *Biblioteca Nacional* do Brasil, no Rio de Janeiro, em que foram levantadas as cotas dos títulos de 140 poetas luso-brasileiros publicados no século XVII. Faz-se uma reflexão sobre as condições de constituição desse acervo de poesia depositado na BN a partir da *Real Bibliotheca* portuguesa e da junção de outros espólios, considerando-se as possíveis razões para a ausência de livros e autores referenciais nas Letras do Seiscentos, algumas especificidades da produção livresca da poesia de agudeza e a privação quase completa desses livros nos sistemas dos estudos literários no país.

Livres de poésie dans l'Amérique portugaise : collection de la Bibliothèque Nationale du Brésil

Notre présentons la synthèse d'une recherche menée à la Bibliothèque Nationale du Brésil, à Rio de Janeiro, où ont été relevées les côtes des titres de 140 poètes luso-brésiliens publiés au XVIIe siècle. Il s'agit d'une réflexion sur les conditions de constitution de cette collection poétique qui, déposée à la BN, rassemble des ouvrages en provenance de la Real Bibliotheca et d'autres fonds. On se penchera plus particulièrement sur le pourquoi de l'absence d'ouvrages et de noms d'auteurs, considérés comme des référence dans le domaine des Lettres du XVIIe siècle, sur certains traits spécifiques de la production livresque de la poésie de l'agudeza et sur l'effacement presque total de ces œuvres dans les programmes d'enseignement de la littérature au Brésil.

MARIA DO SOCORRO FERNANDES DE CARVALHO é professora de Letras da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), tendo anteriormente ensinado nas Universidades Federais do Rio de Janeiro e do Piauí. Além de diversos artigos, é autora do livro *Poesia de Agudeza em Portugal* (2007) e do *Catálogo da poesia seiscentista da Biblioteca Nacional*, 2019 (no prelo).

Dom Quixote no Teatro do Bairro Alto (1733)

ROGER CHARTIER

(COLLÈGE DE FRANCE)

Durante a primeira modernidade, os textos migravam de uma língua a outra. Assim, podiam mudar de gênero e, por exemplo, passarem de romance a peça de teatro. Em 1733, as marionetes do Teatro do Bairro Alto de Lisboa representaram uma nova peça: a *Vida do grande Dom Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança* composta por Antônio José da Silva. O estudo da obra permite vincular três histórias. Primeiramente, a das adaptações teatrais da Segunda Parte de *D. Quixote*, publicada em Madrid, em 1615. Em seguida, a história de uma forma teatral frequentemente negligenciada, a do teatro de marionetes, situada entre a farsa e a comédia, a feira e a ópera, a cidade e a corte. Enfim, a história de um dramaturgo três vezes confrontado com a Inquisição e a dolorosa condição dos « cristãos-novos », divididos entre suas crenças íntimas e as suspeitas permanentes dos inquisidores. Entregue à autoridade secular, Antônio José da Silva foi estrangulado e, em seguida, queimado após o auto-de-fé, em 16 de outubro de 1739. Seu destino trágico oferece, assim, um caso limite para enfrentar a questão da relação entre as experiências vividas e as próprias obras – uma questão particularmente aguda e difícil para peças escritas em um tempo em que a escrita dramática permanece largamente dependente de histórias contadas inúmeras vezes, de motivos tradicionais e de fórmulas que nada têm de original. Será todavia impossível encontrar na peça de Antônio José da Silva os traços de um sofrimento singular e partilhado? A análise de algumas cenas da peça permitem, talvez, responder.

Dom Quichotte au Théâtre du Bairro Alto

Au cours de la première modernité, les textes migraient d'une langue à l'autre. Ils pouvaient ainsi changer de genre et passer, par exemple, de roman à pièce de théâtre. En 1733, les marionnettes du Teatro do Bairro Alto, à Lisbonne, ont donné en spectacle une nouvelle pièce : la *Vida do grande Dom Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança*, composée par Antônio José da Silva. L'étude de la pièce permet de faire le lien entre trois histoires. D'abord, celle des adaptations théâtrales de la deuxième partie du *D. Quixote* publiée à Madrid en 1615. Puis l'histoire d'une forme théâtrale très souvent négligée, celle du théâtre de marionnettes, oscillant entre farce et comédie, foire et opéra, cour et ville. Enfin, l'histoire d'un dramaturge qui dut, à trois reprises, faire face à l'Inquisition et à la douloureuse condition des "chrétiens-nouveaux", pris en étau entre leurs intimes croyances et les soupçons incessants des inquisiteurs. Remis au bras

séculier, Antônio José da Silva fut étranglé avant d'être brûlé dans un autodafé le 16 octobre 1739. Le cas limite de ce destin tragique permet de creuser la question du rapport entre expériences vécues et œuvres individuelles – une question particulièrement pointue et complexe à une époque où l'écriture théâtrale restait largement dépendante d'histoires racontées à foison, de motifs traditionnels et de formules qui n'avaient rien d'original. Serait-il néanmoins impossible de retrouver, dans la pièce d'Antônio José da Silva, les traces d'une souffrance singulière et partagée ? L'analyse de quelques scènes de la pièce donnera, peut-être, une réponse.

ROGER CHARTIER é professor emérito no *Collège de France*, Directeur d'études na École des hautes études en sciences sociales e Professor Visitante em diversas universidades das Américas e da Europa, como *Universidade de Pennsylvania*, de Montreal, Yale, Berkeley, Cornell, Johns Hopkins, Chicago, Stanford, Valencia e Buenos Aires, entre outras. Seus últimos livros traduzidos para o português são: *A mão do autor e a mente do editor*, São Paulo, Editora UNESP, 2014; *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*, São Carlos, EdUFSCar, 2012; *Cardenio entre Cervantes e Shakespeare. História de uma peça perdida*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012; e *Autoria e história da ciência*, Rio de Janeiro, Azougue, 2012.

ANOTAÇÕES

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

As Viagens da Constante Florinda

HORÁCIO COSTA

(DEPTO. DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)

Um instrumento fundamental para o estudo do livro na Nova Espanha é o levantamento dos acervos dos livreiros da Cidade do México no século XVII, publicados no Tomo X, número 4 do *Boletín Del Archivo General de la Nación* em 1939. Esse levantamento de “Bibliotecas y librerías coloniales” guarda um relativamente extenso número de obras de autores portugueses ou sobre assuntos lusitanos, traduzidos ao castelhano ou comercializados em português, que merecem atenção e que apontam para o fato de que era mais intenso nos domínios da Espanha o interesse por Portugal do que usualmente se considera. Não só os *Infortúnios trágicos da constante Florinda*, de Gaspar Pires de Rebelo, viajaram da Península Ibérica ao Novo Mundo: teve ela muitos outros livros seus companheiros de viagem, e o presente ensaio trata de mapear suas andanças – e, quando possível, também os efeitos que tais visitas assumiram na cultura novo-hispana.

Les voyages de la Constante Florinda

L'étude des fonds de libraires du XVII^e siècle de la Ville de Mexico, publiés dans le Tome X, numéro 4 du *Boletín Del Archivo General de la Nación* (1939) est un outil de référence pour l'étude du livre en Nouvelle-Espagne. Ce relevé de “Bibliotecas y librerías coloniales”, qui comporte un nombre relativement important d'ouvrages d'auteurs portugais ou sur des thèmes portugais, traduits en castillan ou commercialisés en langue portugaise, est digne d'attention car il souligne l'intérêt que le Portugal pouvait susciter, un intérêt plus intense que ce que l'on pense d'ordinaire. Ce ne sont pas seulement les *Infortúnios trágicos da constante Florinda*, de Gaspar Pires de Rebelo, qui ont voyagé depuis la Péninsule jusqu'au Nouveau Monde ; l'infortunée eut bien d'autres compagnons de voyage. Cet essai reconstitue la cartographie de ces livres qui voyagent, sans négliger, autant que faire se peut, les effets de ces visites dans la culture de la Nouvelle-Espagne.

HORÁCIO COSTA é formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP e doutor pela *Universidade Yale* em 1994 com a tese *José Saramago: o período formativo* (Lisboa, Caminho, 1997 e, em tradução ao espanhol, Cidade do México, Fondo de Cultura Económica, 2003). Foi professor titular na *Universidad Nacional Autónoma de México-UNAM* até 2001 e, a partir de então é professor de Literatura Portuguesa na FFLCH-USP. Publicou 13 livros de poesia no Brasil,

tendo recebido o prêmio Jabuti por *Bernini*, em 2014. O mais recente é *Satori – 30 anos*, edição comemorativa em três volumes (2019). Teve sua obra poética organizada na antologia *Fracta* por Haroldo de Campos (São Paulo, Perspectiva, 2004 e, em espanhol, publicada pelo FCE em 2008). Foi traduzido para dez línguas e participa de antologias da poesia escrita em português desde a década de 1980. A essa língua verteu Octavio Paz, Elizabeth Bishop e José Gorostiza e organizou duas antologias de poesia brasileira (ao espanhol e ao inglês). Seus ensaios críticos estão reunidos em *Mar abierto – literatura brasileña, portuguesa e hispanoamericana* (México, FCE, 1998 e São Paulo, Lumme, 2010).

ANOTAÇÕES

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Clio à distância: José Freire Monterroio de Mascarenhas e a escrita das *Epanáforas Índicas*

JOÃO TELES E CUNHA

(UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA)

Passada a era dos grandes cronistas, a meados de Seiscentos, o Estado da Índia caiu num relativo esquecimento historiográfico após a saída da *Ásia Portuguesa* de Manuel Faria e Sousa, publicada postumamente pelo seu filho. O vazio foi de certa forma ocupado com a publicação a meados do século XVIII (1747-1752) das *Epanáforas Índicas* escritas por José Freire Monterroio de Mascarenhas, mais conhecido por ser o editor da *Gazeta de Lisboa* entre 1715 e 1760. A nossa proposta de análise está relacionada não apenas com o estudo das *Epanáforas* à luz do seu tempo de redacção (no contexto da expansão territorial em torno de Goa, que viriam a ser conhecidas como “Novas Conquistas” e do governo carismático do futuro Marquês de Alorna), como ainda de um projecto historiográfico mais ambicioso que nunca passou do papel (uma história do Estado da Índia cujo manuscrito ainda existe), feito no âmbito do estímulo dos estudos deste tipo que a criação da Academia Real da História (1720) trouxe e da qual Monterroio Mascarenhas era membro. O interesse na história manuscrita como das *Epanáforas* está na forma de redacção, não apenas baseada nas informações fornecidas por uma rede de informadores residentes na Índia (frequentemente oficiais, e também os que enviavam materiais para a Academia Real da História), como a utilização das novidades que chegavam a Portugal por via da imprensa periódica europeia, que Monterroio Mascarenhas frequentemente publicava sob a forma de folhetos. Este carácter híbrido mostra as mudanças substanciais feitas na escrita histórica sobre o Estado da Índia, bem como o seu autor, o meio de difusão e o público a que se destinaria sobre as quais nos debruçaremos.

Clio à distance : José Freire Monterroio de Mascarenhas et l'écriture des *Epanáforas Índicas*

Passée l'époque des grands chroniqueurs, l'*Estado da Índia* est tombé dans un relatif oubli historiographique après l'édition, au milieu du XVIIIe siècle, de l'*Ásia Portuguesa* de Manuel Faria e Sousa publiée à titre posthume par son fils. Ce vide fut dans une certaine mesure comblé par la publication, au milieu du XVIIIe, des *Epanáforas Índicas* rédigées par José Freire Monterroio de Mascarenhas, un homme connu surtout comme éditeur de la *Gazeta de Lisboa* entre 1715 et 1760. Notre étude porte sur les

Epanáforas en prenant en considération l'époque de sa rédaction (dans le contexte de l'expansion territoriale autour de Goa, connue sous le nom de "Novas Conquistas", et du gouvernement du charismatique Marquis de Alorna) mais elle porte aussi sur un projet historiographique plus ambitieux resté à l'état papier : une histoire de l'*Estado da Índia* manuscrite, élaborée au sein de l'Académie Royale d'Histoire (1720) dont Monterroio Mascarenhas était membre, qui encourageait ce type de travaux. L'intérêt de ce manuscrit réside dans une écriture qui se nourrit de renseignements fournis par des informateurs vivant en Inde (renseignements transmis le plus souvent par des officiers qui envoyaient également d'autres matériaux à l'Académie) mais aussi de nouvelles qui arrivaient au Portugal par la voie de la presse périodique européenne, publiées souvent sous forme de petites brochures par Monterroio Mascarenhas. Ce caractère hybride est révélateur de changements substantiels dans la manière d'écrire l'histoire de l'*Estado da Índia*. C'est sur cette mutation, ainsi que sur cette figure d'auteur, sur les moyens de diffusion et le public visé, que nous nous pencherons.

JOÃO TELES E CUNHA é investigador doutorado do projecto *Res Sinicae* (FCT/MCTES), no Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da *Universidade de Lisboa*, investigador associado do CHAM - Centro de Humanidades, bem como docente do Instituto de Estudos Orientais da *Universidade Católica Portuguesa*. A sua especialização é no campo da história económica, em particular da Índia e do Índico na sua ligação ao Atlântico Sul, tendo ainda realizado investigações acerca dos contactos políticos, económicos, sociais e culturais entre os portugueses e os Estados na Ásia do Sul e no Golfo Pérsico na Idade Moderna. Trabalhos seus têm focalizado a passagem de produtos e de consumos associados, a exemplo dos têxteis e do chá, entre a Ásia e a Europa (Carreira da Índia), tendo também comissariado uma exposição sobre o chá no Museu do Oriente em Lisboa. Entre seus livros destacam-se: *Olha da grande Pérsia o império nobre*. Relações entre Portugal e a Pérsia na Idade Moderna (1507-1750). Lisboa, Embaixada da República Islâmica do Irão em Lisboa/Arquivo Nacional da Torre do Tombo/Fundação Calouste Gulbenkian, 2014; e *Goa Passado e Presente*, co-editado com Artur Teodoro de Matos, 2 vols., Lisboa: CEPCEP/CHAM, 2012.

Conferência

DIOGO RAMADA CURTO
(UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA)

DIOGO RAMADA CURTO é professor do Departamento de História da Universidade Nova de Lisboa. Foi professor da Cátedra Vasco da Gama em História da Expansão Europeia no Instituto Universitário Europeu de Florença (2000-2008) e professor visitante em diversas universidades europeias e americanas, como a Universitat Autònoma de Barcelona, a École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris), a Brown University, Yale University, King's College e Universidade de São Paulo, entre outras. É bibliotecário da Casa Cadaval.

Entre suas publicações recentes destacam-se *História, Arte e Literatura* (Lisboa, 2019); *História política da cultura escrita: Estudos e notas críticas* (Lisboa, Verbo, 2015); *Para que serve a história?* (Lisboa, Tinta da China, 2013); *Cultura política no tempo dos Filipes: 1580-1640* (Lisboa: Edições 70, 2011); e *Cultura escrita séculos XV-XVIII* (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007).

Jéronimo Nadal au Portugal: Repères pour une bibliothèque ambulante

PIERRE-ANTOINE FABRE

(ECOLE DES HAUTES ETUDES EM SCIENCES SOCIALES)

Nos anos 1550 e 1560, Jerónimo Nadal, visitador da Companhia de Jesus para as províncias da Europa, multiplica as viagens a Portugal e as intervenções epistolares sobre a situação da primeira província da Companhia de Jesus fora de Roma. Seus relatos são recheados de referências, as quais Nadal dispõe nesse período, internas ou externas à cultura jesuíta. Nossa contribuição visa a tentar reconstituir esse corpus de referências e, a partir dele, reconstruir a biblioteca itinerante, material e mental, de um jesuíta de meados do século XVI. Essa contribuição se inscreve em um trabalho desenvolvido ao longo várias etapas, no interior do programa de pesquisas conduzidas em Paris, sobre a correspondência de Jerónimo Nadal e as perspectivas que ela oferece, ao longo de mais de 30 anos, pela exploração do patrimônio intelectual de uma das figuras mais destacadas da primeira Companhia de Jesus – e que atuou no campo da teologia, da política, da diplomacia, da pedagogia e da imagem e, acima de tudo, sem dúvida, na construção da mais importante das congregações religiosas resultantes da Contra-Reforma católica.

Jerónimo Nadal em Portugal: Referências para uma biblioteca ambulante.

Dans le courant des années 1550 et 1560, Jerónimo Nadal, visiteur de la Compagnie de Jésus pour les provinces d'Europe, multiplie les voyages au Portugal et les interventions épistolaires sur la situation de la première province de la Compagnie de Jésus en dehors de Rome. Ces relations sont nourries des références dont dispose Nadal dans cette période, internes ou externes à la culture jésuite. Le projet de cette contribution serait de tenter de reconstituer ce corpus de références, et, à partir de là, de reconstruire la bibliothèque ambulante, matérielle et mentale, d'un jésuite du milieu du XVI^e siècle. Cette contribution s'inscrit dans un travail conduit en plusieurs étapes, dans le cadre du programme de recherches animé à Paris par Ilda Mendes, sur la correspondance de Jerónimo Nadal et les perspectives qu'elle offre, sur plus de trente ans, pour l'exploration du patrimoine intellectuel de l'une des figures les plus marquantes de la première Compagnie de Jésus, actif sur le terrain de la théologie, de la politique, de la diplomatie, de la pédagogie et de l'image, et, avant tout sans doute, sur celui de la construction de la plus importante des congrégations religieuses issues de la Contre-réforme catholique.

PIERRE-ANTOINE FABRE é directeur d'études na École des hautes études en sciences sociales e copresidente com José Eduardo Franco da *Sociedad internacional de estudios jesuitas*. Seu trabalho se concentra no primeiro século da Companhia de Jesus, a história da espiritualidade no século XVII, a história da imagem cristã na posteridade do Concílio de Trento e a história da evangelização moderna.

Publicou nos últimos anos: *Pietas*, Munster, 2019; *Les ex voto: objets, usages, traditions* (com Marie Anne Polo de Beaulieu e Ulrike Ehmig); *Controversies on Rites* (com Ines Zupanov), Brill, 2018; *A Jesuit Generalship at the time of the invention of the modern Catholicism* (com Flavio Rurale), Boston College, 2017; *Caravage: hors-champ* (em colaboração com Giovanni Careri), Rouen, Editions 1:1, 2016, 27. *Lire Jean de Labadie* (com Nicolas Fornerod, Sophie Houdard e Cristina Pitassi), 2016; *Suppression et restauration de la Compagnie de Jésus* (com Patrick Goujon), 2014; e *Claudio Aquaviva SJ (1581-1615). Décréter l'image: La XXVe Session du Concile de Trente*, 2013. Atualmente prepara com Bernard Vincent uma edição dos escritos de Marcel Bataillon sobre Juan de Ávila, para as edições Les Belles Lettres.

ANOTAÇÕES

Proibir, dirigir e permitir numa República de Auctoritas e letras, cores e gestos. O Concílio de Trento em práticas de rua na Lisboa de 1588

ANTÓNIO CAMÕES GOUVEIA

(CHAM, FCSH, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, UNIVERSIDADE DOS AÇORES

CEHR, UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA)

O Concílio de Trento proíbe, dirige e permite construções literárias e uso de *auctoritas* na continuidade com o que a Igreja, pelo poder de Bispos, da Inquisição e dos *Indices* vêm promovendo. O *Index librorum prohibitorum, cum regulis confectis per Patres à Tridentina Synodo delectos, auctoritate Sanctissimi Domini nostri Pij IIII Pont. Max. comprobatus*, de 1581, é exemplo dessa continuidade e do seu “aperfeiçoamento”. Mas temos que ir mais longe se quisermos compreender melhor as diferentes faces da “República das Letras”. A XXV Sessão do Concílio tem merecido aos colegas da História e Sociologia da Arte uma atenção constante no que respeita aos seus conteúdos. Conhecidas são as suas implicações litúrgico-artísticas e devocionais. Noutro sentido, a presente proposta visa questionar como as suas fronteiras e os seus conteúdos de imposição se constituíram como uma possibilidade afirmativa de uma “república das não-letas”. Uma república de alfabeto visual e gestual, gerador de formas de controlo exercidas a partir da malha diocesana pelos Bispos, com e para os eclesiásticos seculares e regulares, em espaço sacralizado e nas ruas, entre os crentes e aqueles que por crentes se queriam fazer passar.

No estado da nossa investigação, pareceu-nos mais correcto envolver esse questionário e algumas propostas de aproximação à sua explicação num caso impresso conhecido e rico em diversidade. A comunicação vai, por isso, centrar-se no livro de Manoel de Campos, *Relaçam do solenne recebimento que se fez em Lisboa ás santas reliquias q se leuáram* à igreja de S.Roque, impresso em 1588. Nele se visualizam, numa ordem de *narraçam* escrita, encomendada pelos jesuítas, os cerimoniais apoteóticos da chegada das relíquias doadas por D. Juan de Borja. Na rua vai estar, em procissão sob arcos triunfais, pregação e exibição confraternal, um dos objectos devocionais que Trento resgatou para devoção: a relíquia. Estes objectos devocionais e a trama de relações de poder que os envolve merece festa, elogio e que se faça o seu registo escrito. Mas o licenciado Manoel de Campos quando dá a imprimir a sua encomenda sobre a devoção na rua, cria uma continuidade com

outros conteúdos literários: a transcrição de um sermão que terá sido pregado, um conjunto de poesias em *vulgar* e em *versos latinos*, sob forma de sonetos, epigramas, tercetos e écloas, tratando sobre o acontecido e em louvor de santos e relíquias.

Como perceber esta totalidade descritiva? Como aproximar esta escrita do religioso da “obra de arte total” pressuposta pelo controlo do cânone tridentino? Como equilibrar os públicos leitores do visual das ruas com os dos visual narrado por escrito? E que públicos/destinatários se encontram por trás das dimensões de rua e de impressão? Ou seja, que letras e não-letras da república de feição tridentina são comuns, permutáveis ou díspares entre as dimensões de rua (exterior?) e de academia (interior?) no campo religioso?

Interdire, Diriger et Autoriser dans une République de *Auctoritas* et de lettres, couleurs et gestes. Le Concile de Trente dans les pratiques de rue de la Lisbonne de 1588.

Le Concile de Trente interdit, dirige et autorise des constructions littéraires et un usage de l'*auctoritas* dans la continuité de ce que l'Église, par le biais du pouvoir des évêques, de l'Inquisition et des *Index* promouvait. L'*Index librorum prohibitorum, cum regulis confectis per Patres à Tridentina Synodo delectos, auctoritate Sanctissimi Domini nostri Pij IIII Pont. Max. comprobatus*, de 1581, illustre cette continuité et son “perfectionnement”. Mais il nous faut aller plus loin si nous voulons mieux saisir les différentes facettes de la “République des Lettres”. Les collègues spécialistes de l'Histoire et de la Sociologie de l'art se sont souvent penchés sur la teneur de la session XXV du Concile. Ses implications liturgiques, artistiques et dévotionnelles sont bien connues. En prenant d'autres sentiers, ma proposition interroge la façon dont ces frontières, avec ses ordres et injonctions, se sont constituées et en sont venues à élaborer un possible d'affirmation d'une “république de non-lettres”. Une république où l'alphabet est visuel et gestuel, créateur de formes de contrôle exercées à partir de la maille diocésaine par les évêques, avec et pour le clergé régulier et séculier, dans l'espace sacralisé et dans la rue, entre croyants et ceux qui voulaient se faire passer pour tels.

Dans l'état actuel de notre recherche, il nous a paru plus approprié d'illustrer ce questionnaire, et d'apporter des possibles de réponse, en nous centrant sur un imprimé d'une grande richesse d'approches : le livre de Manoel de Campos, *Relaçam do solenne recebimento que se fez em Lisboa ás santas reliquias q se leuáram à Igreja de S.Roque*, de 1588. L'ordre de ce récit – il s'agit d'une commande des Jésuites – rend visible le cérémoniel grandiose célébrant l'arrivée des reliques données par D. Juan de Borja. Dans les rues, en procession sous les arcs de triomphe, dans la prédication et ostentation de fraternité, surgit un objet de dévotion que Trente a remis au goût du jour : la relique. Ces objets de dévotion, et la trame de relations de pouvoir qui leur donne substance, mérite fête, louange et consignation écrite. Or le *licenciado* Manoel de Campos, en transportant sa commande dévotionnelle de la rue à l'imprimerie, établit des liens avec d'autres contenus littéraires : la transcription d'un sermon qui aurait été prononcé, un ensemble de poésies en langue latine et vernaculaire sous forme de

sonnets, d'épigrammes, de tercets et d'épilogues qui évoquent l'événement et chantent la louange des saints et des reliques.

Comment comprendre cette totalité descriptive ? Comment aborder cette écriture du religieux de "l'œuvre d'art totale" façonnée sous l'œil du canon tridentin ? Quel équilibre entre les publics des rues lecteurs du visuel et les publics du visuel raconté par l'écrit ? Et quelle rencontre entre publics/ destinataires, ceux de la rue et ceux de l'imprimé ? En d'autres termes, dans la république de facture tridentine, entre la rue (extérieur ?) et l'académie (intérieur ?), quelles lettres et non-lettres sont-elles données en partage, quelles lettres et non-lettres sont-elles transposables ou discordantes dans le champ religieux ?

ANTÓNIO CAMÕES GOUVEIA é licenciado em História, pós-graduado em História Cultural e Política e doutorado em História e Teoria das Ideias pela Faculdade de Ciências Sociais e História da Universidade Nova de Lisboa, onde dá aulas deste 1981. É investigador do Centro de Humanidades (CHAM) da UNL-UAc e do Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR) da Universidade Católica Portuguesa. Esteve em Comissão de Serviço entre 1992 e 1997 na Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses e de 2010 a 2012 como director do Museu de Évora. De 2004 a 2013 foi Coordenador Científico da Fundação Robinson, em Portalegre.

A história literária no Brasil

JOÃO ADOLFO HANSEN

(UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO)

Para tratar do tema *memorialização e bibliotecas*, divido a fala em duas partes: na primeira, refiro três categorias retóricas que ordenaram a oralidade e a fixação escrita do discurso oral desde os gregos antigos até a segunda metade do século XVIII - *verossimil* (*eikós/verisimilis*), *decoro* (*prepon/decorum*), *proporção* (*meson/proportio*). Na segunda parte, trato de diversos processos que, a partir da Independência, em 1822, substituíram essas categorias por novos conceitos de tempo histórico e procedimentos retóricos de invenção subjetivada dos discursos e da monumentalização deles como *Literatura nacional* num cânone definido como documento da nacionalidade.

Pour traiter le thème “Mémorialisation et bibliothèques”, je distribuerai mon propos en deux parties. Je parlerai d’abord des trois catégories rhétoriques qui codifiaient l’oralité et la fixation écrite du discours oral depuis la Grèce ancienne jusqu’à la deuxième partie du XVIIIe siècle : *vraisemblance* (*eikós/verisimilis*), *bienséance* (*prepon/decorum*), *proportion* (*meson/proportio*). Dans un deuxième temps, je parlerai des différents processus qui, suite à l’Indépendance du Brésil en 1822, ont entraîné la substitution de ces catégories par des nouvelles conceptions du temps historique et par des procédés historiques d’invention subjectivée des discours, et de la monumentalisation de ces discours comme *littérature nationale* dans un canon défini comme document de la nationalité.

JOÃO ADOLFO HANSEN é professor titular de Literatura Brasileira no DLCV/FFLCH/USP. Bolsista CNPQ Nível 1A. Membro da FAPESP e da CAPES. Publicou: *A Sátira e o Engenho*: Gregório de Matos e a Bahia do Século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 511p. (Prêmio Jabuti em 1990 na categoria Ensaio); *Alegoria*. Construção e Interpretação da Metáfora. São Paulo/Campinas: Hedra/Editora Unicamp, 2006, 230p.; *Agudezas Seiscentistas e Outros Ensaíos*. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019, 343p. Editou: HANSEN, J. A.; MOREIRA, M. *Gregório de Matos. Poemas atribuídos*. Códice Asensio-Cunha. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, v. 1-5 (Grande Prêmio da Crítica, Associação Paulista de Críticos de Artes em 2014); *Obra Completa. Padre Antônio Vieira*. Sermões de Nossa Senhora. 1. ed. Lisboa:

Círculo de Leitores, 2013. v. VII. 404p; HANSEN, J. A.; MOREIRA, M.. *Sermão da Conceição da Virgem Maria Nossa Senhora, que pregou o R. Padre Antônio de Sá da Companhia de Jesu(s) na Igreja Matriz do Recife de Pernambuco*. Ano de 1658. 1. ed. São Paulo: Cadernos do Instituto de Estudos Brasileiros- USP, 2016. 60p.

ANOTAÇÕES

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

República das Letras Brasílicas?!

As contradições do cosmopolitismo erudito em contexto colonial (1759)

IRIS KANTOR

(DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)

A criação da Academia Brasílica dos Renascidos em Salvador, no ano de 1759, animou a expectativa de ver restaurada a Academia Brasílica dos Esquecidos, fundada 35 anos antes, na mesma cidade, pelo então governador e vice-rei Vasco Fernandes Cesar e Menezes (IV Conde de Sabugosa). A formação de uma nova agremiação erudita na então capital do Estado do Brasil, implicava em concessões régias e prerrogativas extraordinárias - a confirmação de estatutos próprios, a constituição de uma biblioteca pública e a elaboração de um projeto editorial autônomo em língua portuguesa e latina - com efeito, tais pretensões nos convidam a refletir sobre o significado político dessa experiência intelectual, ainda que ela tenha sido precocemente abortada.

O conselheiro José Mascarenhas Pacheco Coelho, fundador da Academia Brasílica dos Renascidos, confiava nas virtudes civilizadoras do comércio, do trabalho e da educação para aculturar as populações indígenas em meio às reformas promovidas pela coroa. Quando chegara a Salvador, já tinha assento nas principais academias do Reino; como também em diversas academias espanholas, entre as quais, a Real Academia de la História em Madrid. Suas conexões com importantes personalidades das luzes peninsulares explicam a presença de quatro espanhóis entre os sócios da Academia dos Renascidos por ele instaurada no mesmo ano em que se procedeu a expulsão dos jesuítas do império português.

Além da publicação de um vasto conjunto de obras sobre a História Universal da América Portuguesa, os acadêmicos se dispunham a organizar uma Biblioteca Brasílica – à maneira da *Biblioteca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado. Os Estatutos propunham a incorporação dos acadêmicos que servissem à *pátria* no sentido amplo que o termo foi adquirindo na segunda metade do século XVIII. Consideravam tarefa premente perpetuar a memória dos vassallos mais beneméritos, sepultada pelo “ócio dos eruditos”; e, por intermédio do “mútuo comércio e comunicação” pretendiam que os seus membros fossem remunerados com bons empregos e ofícios públicos.

A academia brasílica reconhecia os valores do mérito intelectual, muito embora o prestígio dos seus membros, raramente, extrapolasse os limites da América portuguesa. Ao contrário da Academia Real de História Portuguesa, as academias soteropolitanas estavam abertas à incorporação da produção literária (especialmente em poesia) de autores que não pertencessem à agremiação. Não resta dúvida de que os eruditos brasílicos alimentavam a expectativa de imprimir suas obras localmente, embora não tenham enunciado explicitamente essa demanda nos estatutos da corporação. Ainda que prevalecessem afinidades com os modelos culturais difundidos nas academias europeias, o programa historiográfico dos acadêmicos renascidos revela uma nova sensibilidade que, em certa medida, ameaçava a hierarquia de autoridades consagradas em obras europeias canônicas. Portanto, convém interrogar quais as motivações internas e externas que impediram a sua vigência, um ano após sua criação.

República des Lettres brasiliques ?! Les contradictions du cosmopolitisme érudit dans le contexte colonial (1759)

La création de l'*Academia Brasílica dos Renascidos* à Salvador, en 1759, a nourri une attente : celle de voir restaurée l'*Academia Brasílica dos Esquecidos* fondée 35 ans auparavant dans la même ville par celui qui était alors son gouverneur, le vice-roi Vasco Fernandes Cesar e Menezes (I^{ve} comte de Sabugosa). La formation d'un nouveau cercle d'érudits dans la capitale de l'État du Brésil signifiait concessions royales et prérogatives extraordinaires : la confirmation de statuts particuliers, la constitution d'une bibliothèque publique et l'élaboration d'un projet d'édition, autonome, en langue portugaise et latine. Bien qu'elle ait été précocément avortée, de telles prétentions invitent à réfléchir sur le sens politique de cette expérience intellectuelle.

Le conseiller José Mascarenhas Pacheco Coelho, fondateur de l'*Academia Brasílica dos Renascidos*, avait toute confiance dans les vertus civilisatrices du commerce, du travail et de l'éducation pour acculturer les populations indigènes, au sein des réformes promues par la Couronne. Avant son arrivée à Bahia, il avait déjà ses entrées dans les principales académies du Royaume, mais aussi au sein de plusieurs académies espagnoles, dont la *Real Academia de la História* à Madrid. Ses connexions avec d'importantes personnalités des Lumières péninsulaires expliquent la présence de quatre espagnols parmi les membres de l'Académie des *Renascidos*, qu'il instaura l'année même où il procéda à l'expulsion des jésuites de l'empire portugais.

Outre la publication d'un vaste ensemble d'ouvrages sur l'Histoire Universelle de l'Amérique Portugaise, les académiciens voulaient monter une Bibliothèque Brasilique – à la manière de la *Bibliothèque Lusitana* de Diogo Barbosa Machado. Les Statuts proposaient d'intégrer des académiciens qui serviraient la *pátria*, au sens large acquis par ce terme dans la deuxième moitié du XVIII^e siècle. Perpétuer la mémoire des vassaux les plus méritants, ensevelie en raison de l'oisiveté des érudits, était une

tache pressante à leurs yeux et ils souhaitaient que, par le biais du “commerce et communication mutuels”, les membres reçoivent des gratifications (charges publiques et offices rémunérés).

l'Academia Brasileira dos Renascidos reconnaissait la valeur du mérite intellectuel, bien que le prestige de ses membres dépassât rarement les frontières de l'Amérique portugaise. À la différence de l'Académie Royale de l'Histoire Portugaise, les académies de par-decà étaient ouvertes à la production littéraire (surtout poétique) d'auteurs qui n'étaient pas membres du cercle. Les érudits brasiliques nourrissaient la volonté – à n'en pas douter – d'imprimer leurs ouvrages sur place, bien que cette requête ne soit pas explicitement énoncée dans les statuts. Si les affinités sont grandes avec les modèles culturels diffusés par les académies européennes, le programme historiographique des académiciens “renascidos” révèle une sensibilité nouvelle qui menaçait, dans une certaine mesure, la hiérarchie des autorités consacrées dans les œuvres européennes canoniques. Il nous faut donc interroger les raisons internes et externes qui ont, un an après sa création, empêcher l'essor de ce projet.

IRIS KANTOR é professora do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP desde 2003. Bolsista CNPQ Pq2; membro do corpo editorial do E-Journal of Portuguese History da Universidade de Brown. Publicou: *Um Mundo Sobre Papel: livros, gravuras e impressos flamengos nos impérios português e espanhol*. 1. ed. São Paulo: EDUSP/UFMG, 2014; *Esquecidos & Renascidos: Historiografia acadêmica luso-americana (1724-1759)*. 1. ed. São Paulo: HUCITEC/Centro Estudos Baianos, 2004; *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: EDUSP / Hucitec / FAPESP / Imprensa Oficial, 2001. v. 2. 981p.

Texto, matéria e percurso.

História do códice sobre a sublevação de Vila Rica em 1720

RODRIGO BENTES MONTEIRO
(UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE)

A comunicação pretende dissertar sobre aspectos relevantes na investigação sobre o conhecido *Discurso histórico, e político*, atualmente depositado no Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte. As informações obtidas mediante a análise da sua forma textual, com suas funções, significantes e tópicos, têm se mostrado indissociáveis dos exames material e visual do códice, bem como da pesquisa de sua trajetória desde o momento da produção do manuscrito, passando por livrarias de casas nobres portuguesas até ir para Ouro Preto ao fim do século XIX. Em suma, a busca do sentido histórico de sua elaboração se relaciona à hermenêutica e à materialidade social do códice, com repercussões históricas e historiográficas.

Texte, matière et parcours. Histoire du manuscrit sur le soulèvement de Vila Rica en 1720

Notre communication porte sur les aspects les plus remarquables d'une recherche sur le *Discurso histórico, e político*, texte connu et actuellement conservé dans l'Arquivo Público Mineiro à Belo Horizonte. Les données fournies par la forme textuelle, les fonctions, significations et thèmes de ce manuscrit sont indissociables de son examen matériel et visuel, et de l'histoire de son cheminement depuis le lieu de sa production, son passage dans des bibliothèques de nobles portugais jusqu'à son arrivée à Ouro Preto à la fin du dix-neuvième siècle. En somme, la recherche du sens historique de cette élaboration est liée à l'herméneutique et à la matérialité sociale du manuscrit, et a des répercussions historiques et historiographiques.

RODRIGO BENTES MONTEIRO é professor do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense, pesquisador do CNPq, da Companhia das Índias - Núcleo de história ibérica e colonial na Época Moderna (UFF) e um dos líderes do grupo Metamorphose - Materialidade e interpretação de manuscritos e impressos da Época Moderna (UnB). Autor de *O rei no espelho. A monarquia portuguesa e a colonização da América 1640-1720* e de outros trabalhos, possui pesquisas sobre a cultura escrita e visual na Época Moderna e suas interfaces com aspectos políticos.

Manuscritura, Livros de mão dos pobres e Cancioneiros de letrados na América Portuguesa

MARCELLO MOREIRA

(UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA)

Propõe-se a apresentação de práticas escritais largamente difusas no mundo luso-brasileiro nos séculos XVII e XVIII, com o objetivo de compreender como artefatos bibliográfico-textuais muito variados, como romances, livros de poesia, apostilas de sangria, tratados sobre a arte de montar a gineta, tratados de fortificação, dentre tantos que aqui poderiam ser nomeados, foram produzidos pelo agenciamento da mão: esta, dentre os séculos XVI e XVIII, na América portuguesa, podia ser a do própria escrevente, que compunha folha avulsa, codicilo ou livro de mão para seu próprio uso, ou a de um agente especializado, cujos serviços eram contratados. Ater-nos-emos, em nossa exposição, tanto a livros miscelâneos, compostos por gente pobre da colônia, quanto a cancioneros poéticos, fruto de labor especializado e destinado aos mais abastados. O que se visa demonstrar é o funcionamento de uma complexa cultura da manuscritura, em que sobressaem agentes, comitentes, gêneros bibliográfico-textuais, com seu específico decoro, e o circuito de produção, circulação e recepção de papeis e obras, que ora se associam à voz e à performance.

Manu-écriture, Livres “à la main” des pauvres et Chansonniers de lettrés dans l’Amérique portugaise

Nous nous proposons de présenter des pratiques d’écriture largement diffusées dans le monde luso-brésilien des XVIIe et XVIIIe siècles dans le but de comprendre comment les artefacts bibliographiques-textuels les plus divers (tels que romans, livres de poésie, brochures sur la saignée, traités sur l’art de monter à la genette, traités sur les fortifications, entre autres exemples) ont été produits par l’agencement de mains. La main, en Amérique portugaise, aux XVIe et XVIIe siècles, pouvait être celle de l’écrivain qui organisait le feuillet isolé, le codicille ou le livre de main à usage privé, ou celle d’un agent spécialisé dont les service étaient requis. Dans cette exposition, nous nous attacherons aussi bien aux miscellanées, composées par la gente pauvre de la colonie, qu’aux chansonniers poétiques, fruit d’un labeur de spécialistes et destinés aux plus aisés. On souhaiterait ainsi montrer le fonctionnement d’une culture complexe de manu-écriture, où surgissent des agents, des clients, des genres bibliographiques-textuels avec leur codes et règles spécifiques, et où apparaît un circuit de production, circulation et réception de papiers et d’ouvrages associés parfois à la voix et à la performance.

MARCELLO MOREIRA possui graduação em Letras Vernáculas e Orientais pela Universidade de São Paulo (1988), mestrado em Filologia e Língua Portuguesa (1994) e doutorado em Literatura Brasileira pela mesma Universidade (2000). Atualmente é professor pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Desenvolve pesquisa sobre teorias da edição, com ênfase na história e crítica de métodos editoriais dos séculos XIX e XX. Ganhou com seu livro *Crítica Textualis in Caelum Revocata? Uma Proposta de Edição e Estudo da Tradição de Gregório de Matos e Guerra* (Edusp, 2011) o Prêmio Jabuti na categoria “crítica literária”, e também o Grande Prêmio da Crítica da Associação Paulista de Críticos de Arte (2015) pela edição e estudo da poesia atribuída a Gregório de Matos e Guerra, em co-autoria com João Adolfo Hansen (*Para que todos entendais. Letrados, manuscritura, retórica, autoria, obra e público na Bahia dos séculos XVII e XVIII*. Belo Horizonte: Capes-PROEX - Autêntica, 2013. 5 vols.).

ANOTAÇÕES

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

O catálogo como oficina: elaboração e usos de um inventário da livraria jesuíta de São Roque no século XVIII

FEDERICO PALOMO

(UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID)

A presente comunicação visa examinar alguns aspectos relacionados com os modos em que os catálogos e inventários de bibliotecas religiosas foram concebidos e elaborados no contexto português da época moderna. A tal efeito, centrar-nos-emos na análise de um dos catálogos da biblioteca da Casa Profesa de São Roque em Lisboa, organizado no século XVIII para uso dos padres da Companhia que aí residiam. Com atenção às próprias funções essencialmente apostólicas (não académicas) que este estabelecimento da Ordem jesuíta desempenhava, a nossa abordagem não atenderá tanto ao recheio da livraria e aos milhares de volumes que esta reunia, quanto às singulares características que conformaram a organização do catálogo, tornando-o essencialmente um instrumento –à maneira de oficina– para a prática da escrita.

Le catalogue comme atelier : élaboration et usages d'un inventaire de la *livraria* jésuite de São Roque au XVIIIe siècle

Cette communication examine quelques aspects touchant la façon dont les catalogues et les inventaires des bibliothèques religieuses ont été conçus et élaborés dans le contexte portugais de l'époque moderne. Pour ce faire, nous nous concentrerons sur l'analyse de l'un des catalogues de la bibliothèque de la Maison professe de São Roque, à Lisbonne, organisée au XVIIIe pour l'usage des pères de la Compagnie qui y résidaient. En demeurant attentif aux fonctions essentiellement apostoliques (non académiques) dont était doté cet établissement de l'Ordre jésuite, notre présentation ne portera pas tant sur la teneur de la bibliothèque et des milliers de livres qu'elle rassemblait, que sur les caractéristiques singulières qui façonnèrent l'organisation du catalogue, en en faisant surtout un instrument – un sorte d'atelier – pour la pratique de l'écriture.

FEDERICO PALOMO é professor de História Moderna na Universidad Complutense de Madrid (Espanha). A sua investigação é centrada em diferentes questões que dizem respeito à cultura religiosa (e dos religiosos) nos mundos ibéricos da época moderna, quer na Península Ibérica, quer nos espaços coloniais. Em particular, estuda a cultura escrita e intelectual dos missionários

jesuitas e franciscanos (práticas, saberes, circulações) nos contextos do mundo português, visando compreender o papel que estes religiosos, através dos seus textos, desempenham na construção das realidades imperiais lusas. Recentemente coordenou, junto com Ângela Barreto Xavier e Roberta Stumpf, o volume *Monarquias ibéricas em perspectiva comparada. Dinâmicas imperiais e circulação de modelos administrativos* (Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2018). Publicou, enquanto editor, o dossier *Written Empires: Franciscans texts, and the making of the Early Modern Iberian Empires*, publicado na revista *Culture & History Digital Journal*, 5/2 (2016) e o volume *La memoria del mundo: clero, erudición y cultura escrita en el mundo ibérico (siglos XVI-XVIII)*, Madrid, 2014.

ANOTAÇÕES

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Os itinerários de um livro nordestino: seguindo os passos editoriais da *Historia Naturalis Brasiliae* (1648)

NEIL SAFIER

(JOHN CARTER BROWN)

A historiografia luso-brasileira conhece bem a obra clássica de história natural de Willem Piso e Georg Marggraf, elaborada ao longo de vários anos de residência em Pernambuco durante a presença holandesa no século XVII. Mas menos atenção tem sido concedida ao seguimento da recepção da obra ao longo da sua trajetória, inclusive até o século XVIII. Em vista desse contexto, nossa apresentação pretende destacar a relevância das contribuições de Piso e Marggraf numa perspectiva mais ampla durante os séculos XVII e XVIII. Fora do Brasil, a *Historia Naturalis Brasiliae* teve impactos pouco reconhecidos até agora, o que possibilita uma reconstrução dos itinerários editoriais visando a uma escala e perspectiva globais.

Les itinéraires d'un livre « nordestin » : en suivant les pas éditoriaux de l'*Historia Naturalis Brasiliae* (1648)

L'œuvre classique d'histoire naturelle de Willem Piso et Georg Marggraf, élaborée pendant les différentes années de résidence à Pernambouc au temps de la présence hollandaise au Brésil au XVIIe siècle, est bien connue de l'historiographie luso-brésilienne. Mais une attention moindre a été accordée à la réception de cet ouvrage. C'est ce contexte que nous aimerions creuser en mettant en valeur les contributions de Piso et Marggraf dans une perspective et un contexte plus larges, au XVIIe et au XVIIIe siècles. Hors du Brésil, l'*Historia Naturalis Brasiliae* a eu un retentissement encore peu connu, d'où cette reconstruction des itinéraires éditoriaux à échelle globale.

NEIL SAFIER é Diretor e Bibliotecário da John Carter Brown Library, bem como Professor Associado no Departamento de História na Brown University. Doutorou-se na Universidade Johns Hopkins, em 2004, e tem atuado como professor e pesquisador na Universidade de Michigan, Universidade da Pennsylvania e, mais recentemente, na Universidade da British Columbia, Vancouver. É autor do premiado *Measuring the New World: Enlightenment Science and South America* (Chicago, 2008; paperback edition, 2012). Recebeu numerosas bolsas para pesquisa em bibliotecas e arquivos, incluindo a Biblioteca Huntington, o Max Planck Institute for the History of Science, de Berlim, o Jardim Botânico de Nova Iorque, e o Institute for Research in the Humanities da Universidade

de Wisconsin. Tem uma vasta coleção de livros e artigos publicados, incluindo ensaios na *Isis*, *Book History*, *The Huntington Library Quarterly*, e *Annales: Histoire, Sciences Sociales* (2011).

ANOTAÇÕES

Pôr a mão na massa – Livrarias, bibliografias, parnassos e « bibliotecas » algumas achegas a partir da obra de Dom Vicente Nogueira (Lisboa 1585-Roma 1654), entre Monarquia Dual e Restauração

ILDA MENDES DOS SANTOS

(CREPAL, SORBONNE NOUVELLE PARIS 3)

Esta apresentação é programática e vinculada a alguns aspectos da obra bio-bibliográfica (correspondência e documentos, ora conhecidos ora inéditos) do erudito bibliófilo português da primeira metade do século XVII, Dom Vicente Nogueira (1585-1654). Entre Monarquia Dual e Restauração, entre a Península Ibérica e a Itália, onde viveu a partir de 1634-35 na família dos Barberini, depois de um processo inquisitorial por *pecado nefando*, D. Vicente Nogueira é um senhor de muitos *livros*. Douto, poliglota, caçador de papéis impressos e manuscritos, atento ao mercado livreiro, mecenas, com múltiplas conexões europeias assentas na partilha da informação e erudição quando afamado, é esse papel de fidalgo erudito que D. Vicente Nogueira tenta restaurar, no exílio, após a «ruína» e o confisco da sua livraria. Na Itália, e a partir da Itália, nas antecâmaras de palácio, na Cúria Romana, nas bibliotecas de bibliófilos e eruditos, ele convive, concretamente e via cartas, com colecionadores, bibliotecários, escritores, secretários, diplomatas, nobres e religiosos de vários lugares e nacionalidades, promovendo o mover-se no mundo per *theorica* (as malhas das letras meditadas, cotejadas e actualizadas) e per *pratica* (conversar e ajuizar nas malhas dos homens). Agente do rei D. João IV, participa das estratégias editoriais de legitimação da nova dinastia e na celebração de casas nobres, trabalhando no que é uma oficina plural, vocal e técnica, local e mundial de recolha de obras e notícias, redacção, tradução e divulgação manuscrita e impressa. Monta também, como é notório, a livraria do Marquês de Nisa, arquitecto da diplomacia de D. João IV na primeira década da Restauração. São várias as livrarias ideais e materiais que o cônego de Lisboa, desde seu profícuo lugar de exílio, vai elaborando numa correspondência que abarca vozes, línguas e gerações, atravessando fronteiras, acarinhando uma « marmaglia » antiga e moderna, esboçando retratos e parnassos transnacionais, discutindo o equilíbrio complexo entre o ser *literato* e a vida em sociedade, num mundo de contingências, paixões políticas, patronos e amizades movediças, e da vigilância acerca do que é dito, escrito e lido.

São umas rápidas, e inconclusivas, facetas auto-bibliográficas destes «museus» do cônego que pretendemos delinear: o inventário da livraria confiscada pela Inquisição em Lisboa; a montagem de livrarias concretas e idealizadas; os «parnasos», que recheiam as suas cartas e listas de títulos, num diálogo talvez desencontrado com a «Bibliotheca Lusitana» ou «portuguesa» de papel, idealizada por vários agentes e escritores amigos do livro, em Portugal na época da Restauração (João Franco Barreto e D. Francisco Manuel de Melo, entre outros).

« A mão na massa » – ateliers de travail: *livrarias, bibliographies, portraits et bibliothèques. Quelques facettes de l'œuvre de Dom Vicente Nogueira (Lisboa 1585 – Rome 1654) entre Monarchie Ibérique et Restauration brigantine*

Ce propos est essentiellement programmatique et rattaché à certains aspects de l'œuvre bio-bibliographique (correspondance et matériaux publiés ou inédits) d'un érudit bibliophile portugais de la première moitié du XVIIe siècle, Dom Vicente Nogueira. Entre Monarchie Ibérique et *Restauração* des Bragance, entre Péninsule ibérique et italique, où il a vécu à partir de 1634-35 à l'ombre des Barberini, suite à un procès d'Inquisition pour *pecado nefando*, D. Vicente Nogueira est un homme du manuscrit et du livre. Lettré, polyglotte, chasseur de papiers imprimés et manuscrits, à l'affût du marché éditorial, mécène, en relation avec de multiples cercles péninsulaires et européens à l'époque de sa renommée au Portugal, c'est ce rôle de gentilhomme érudit que D. Vicente tente de *restaurer* (le mot est de sa plume) dans sa terre de refuge, après le procès qui lui retira honneurs et bénéfices et une bibliothèque qu'il pleura toute sa vie. En Italie, et depuis l'Italie, dans les antichambres de palais, à la Curie, dans les bibliothèques de bibliophiles et d'érudits, il vit, concrètement et via lettres, avec de multiples collectionneurs, des bibliothécaires, des écrivains, des poètes, des secrétaires, des diplomates, des nobles, religieux et prélats de différentes terres, religions et patries, louant l'action dans le monde *per theorica* (les mailles des écrits médités, confrontés et actualisés) et *per practica* (converser et évaluer les mailles des hommes). Agent du roi D. João IV, il prend part aux stratégies éditoriales qui s'efforcent de légitimer et asseoir la nouvelle dynastie, en travaillant dans des ateliers vocaux et techniques, localisés et géographiquement étendus, de collecte d'informations et d'ouvrages, de rédaction, traduction et diffusion imprimée et manuscrite. Il en vient aussi à monter, au loin comme le dialogue épistolaire avec le Marquis de Nisa récemment édité l'a montré, la bibliothèque de cet architecte de la diplomatie brigantine des premiers temps de la *Restauração*. Nombreuses sont les *livrarias*, concrètes et idéales, que le chanoine de Lisbonne, élabore depuis son lieu de productive et précaire dissidence. Sa correspondance plurilingue embrasse des générations, chérit une « marmaille » d'ouvrages anciens et modernes, esquisse des portraits politiques et littéraires, discute l'équilibre complexe entre une vie de *literato* et une vie en société, dans un monde de contingences, de passions, de patrons, clientèles et amitiés mouvantes, sous contrôle de ce qui est dit, écrit, lu. Ce sont de rapides – et provisoires – facettes autobiographiques des « musées » du chanoine qui sont

proposées ici : un regard sur l'inventaire de la bibliothèque confisquée par l'Inquisition de Lisbonne ; un regard sur le montage de bibliographies et catalogues, concrets et idéalisés ; un regard sur les petits parnasses disséminés dans ses lettres et listes de titres qui dialoguent, en dissonance peut-être, avec le projet de la « Biblioteca Lusitana » ou « Portugaise » de papier, que d'autres agents diplomatiques, lettrés et amis des livres, s'efforcent de construire au Portugal à l'époque de la *Restauração*.

ILDA MENDES DOS SANTOS é « Maître de conférences » na Universidade Sorbonne Nouvelle, directora-adjunta do Crepal, responsável pela colecção « Atelier des Voyages » da editora Honoré Champion. Trabalha sobre a literatura de viagens, os itinerários autobiobibliográficos de autores portugueses do século XVII, a tradução/peregrinação. Prepara a edição de uma disputa sobre a *Peregrinação* (Manuel Severim de Faria, Manuel Pires de Almeida, Manuel de Faria e Sousa), a publicação de inéditos de Dom Vicente Nogueira (correspondência italiana, portuguesa, castelhana, latina e documentação conexa) com um ensaio sobre algumas figuras e itinerários de *lettrés* do século XVII, a transcrição (obra coletiva) do inventário da livraria de D. Vicente Nogueira confiscada pela Inquisição portuguesa e, com Daniel Pimenta Oliveira de Carvalho, a transcrição do *Diário de Cristóvão Soares de Abreu em Paris em 1649*.

ANOTAÇÕES

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Ficha técnica

Impressão: Gráfica da FFLCH